

DOI: 10.20911/21799024v16n2p207/2025

## **Reflexão teológica a partir de *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus**

**Theological Reflection from *Quarto de Despejo* by Carolina Maria de Jesus**

**Carlos Rafael Pinto<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Este ensaio apresenta uma proposta de leitura teológica de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), da escritora Carolina Maria de Jesus (1914-1977). Nessa obra, a partir de sua perspectiva de quem vive na favela, a autora escreve a miséria e a vida infausta dos favelados, relatando a amarga realidade dessas pessoas na década de 1950, na primeira grande favela de São Paulo, a Canindé, marcada pela violência, a miséria, a fome e as dificuldades para se obter comida. Para isso, na esteira do propósito da Teopoética de Karl-Josef Kuschel – segundo o qual, inicialmente, é preciso deixar falar a autora em sua dicção literária, para, posteriormente, posicionar-se diante do que diz como teólogo –, selecionamos alguns fragmentos de *Quarto de despejo*. Portanto, apresentaremos uma proposta de leitura teológica, como reflexão interdisciplinar nos âmbitos da Teologia e das Letras, a partir desses fragmentos literários de Carolina de Jesus em diálogo com os teólogos da Teologia cristã na América Latina, especialmente, com o teólogo Gustavo Gutiérrez, que, em *Densidad del presente* (1996), apresenta-nos uma profunda indagação teológica: “Como dizer ao pobre, ao oprimido, ao insignificante, Deus te ama?”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teologia. Literatura. Carolina Maria de Jesus.

---

1 Doutor em Teologia pela FAJE. Pesquisador independente.

**ABSTRACT:** This essay presents a proposal for a theological reading of *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), by writer Carolina Maria de Jesus (1914-1977). In this work, from her perspective as someone who lives in the favela, the author writes about the misery and unfortunate lives of this social group, recounting the bitter reality of favela dwellers in the 1950s in São Paulo's first large favela, Canindé, marked by violence, misery, hunger, and difficulties in obtaining food. To this end, in line with Karl-Josef Kuschel's purpose of Theopoeitics – according to which, initially, the author is allowed to speak in her literary diction, and then the theologian takes a position on what she says – we have selected some fragments from *Quarto de despejo*. Therefore, we will present a proposal for theological reading, as an interdisciplinary reflection in the fields of Theology and Literature, based on these literary fragments by Carolina de Jesus in dialogue with Christian theologians in Latin America, especially the theologian Gustavo Gutiérrez, who, in *Densidad del presente* (1996), presents us with a profound theological question: "How can we tell the poor, the oppressed, the insignificant, that God loves them?".

**KEYWORDS:** Theology. Literature. Carolina Maria de Jesus.

## Introdução

As investigações da interface entre a Teologia e a Literatura procuram sistematizar os indícios da "revelação cristã" nos escritos literários. Nessa esteira, apresentaremos, inicialmente, a escritora Carolina Maria de Jesus e seus escritos e, posteriormente, explicitaremos uma proposta de reflexão teológica a partir de alguns fragmentos de seu livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Em diálogo com a Teologia cristã desenvolvida na América Latina, procuraremos proporcionar um encontro entre a Literatura e a Teologia, atravessado por outros encontros, como o do jornalista Audálio Dantas com Carolina de Jesus, que enseja a publicação de seu livro.

Audálio Dantas relata que encontrou Carolina de Jesus no momento em que ela "protestava contra alguns adultos que ocupavam um *playground* que a prefeitura havia instalado na favela" (DANTAS, 1994, p. 103). Nessa ocasião, ela os advertiu: "Vou botar o nome de vocês no meu livro!" (BALTHAZAR, 2021, n.p.). Foram essas palavras que despertaram o interesse do jornalista que, por sua vez, lhe perguntou: "Que livro é esse?"<sup>2</sup>. Ela lhe respondeu: "O livro que estou escrevendo as coisas daqui da favela". "Você pode me mostrar?", perguntou o jornalista. Ela o convidou: "Sim, venha comigo!". Estando no barraco n.º 9, da

---

2 Este e os demais diálogos foram retirados do livro de BARBOSA, Sirlene; PINHEIRO, João. *Carolina*. 3. ed. São Paulo: Veneta, 2018. n.p.

Rua A, na antiga favela do Canindé<sup>3</sup>, na cidade de São Paulo, no final de abril de 1958, Carolina de Jesus lhe apresentou mais de vinte cadernos surrados repletos de palavras escritas a tinta e a lápis: poesias, romances, contos, provérbios e um diário.

De posse do material, Audálio Dantas fez uma matéria sobre Carolina de Jesus e transcreveu alguns trechos do diário, no jornal *Folha da Noite*, em 1958. E, em 1959, estando na revista *O Cruzeiro*, o jornalista publicou outra matéria sobre o assunto, conforme ele mesmo explicitou: “Como a revista era de circulação nacional, a repercussão foi enorme e a partir daí, conseqüentemente, à edição do livro foi um passo” (DANTAS, 1994, p. 103). Enfim, em 19 de agosto de 1960, foi lançado o diário de Carolina Maria de Jesus, intitulado *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, com tiragem inicial de dez mil exemplares, que se esgotou na semana de lançamento e, no mesmo ano, foram feitas mais sete reimpressões, pela Livraria Francisco Alves Editora.

O título do livro, *Quarto de despejo*, deriva da consciência crítica da autora a respeito da desigualdade social retratada pelos diferentes espaços urbanos, como escreve em 15 de maio de 1958: “... Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 2014, p. 32). E acrescenta em 27 de dezembro de 1958: “a favela é o quarto de despejo de São Paulo. E que eu sou uma despejada” (JESUS, 2014, p. 147, grifo nosso) e, vale lembrar que “[...] as autoridades ignoram que tem o quarto de despejo” (JESUS, 2014, p. 107).

## 1. Carolina Maria de Jesus: uma breve apresentação

Carolina Maria de Jesus, mulher negra, mãe solo, catadora de papéis e de palavras: uma escritora. Como uma ave, em referência a um dos significados do termo “Canindé” (“arara-canindé”<sup>4</sup>, conhecida como “arara-de-barriga-amarela”), a autora, enfim, alçou voos com a publicação de seu primeiro livro, apesar da cor “amarela” da fome constante em seus escritos. Além do sucesso da tiragem inicial, ocorreu um fenômeno editorial de *Quarto de despejo*, a saber, menos de um ano depois de seu lançamento, as traduções começaram a circular em edições nesta ordem<sup>5</sup>: em 1961, na Dinamarca, Holanda e Argentina; em 1962, registraram-se traduções na França, Alemanha (então Ocidental), Suécia, Itália, Checoslováquia, Romênia, Inglaterra, Estados Unidos e Japão; em 1963, Polônia; em 1964, Hungria; em 1965, Cuba; na União Soviética, teria sido publicado entre 1962 e 1963. No total, o livro foi traduzido para treze idiomas: holandês, alemão, francês, inglês, checo, italiano, japonês, castelhano, dinamarquês,

3 A favela do Canindé desapareceu, em 1961, em uma das muitas investidas da Prefeitura para mudar a face da cidade de São Paulo.

4 CANINDÉ. In: *Aulete Digital*. Disponível em: <https://aulete.com.br/canind%C3%A9>. Acesso em: 15 set. 2025.

5 Cf. PERPÉTUA, Elzira Divina. *A vida escrita de Carolina Maria de Jesus*. Belo Horizonte: Nandyala, 2014, p. 88.

húngaro, polonês, sueco e romeno, circulando em quarenta países; em relação à 14.<sup>a</sup> tradução para o russo, não foi confirmada.

Morando fora da favela do Canindé, em 1961, Carolina de Jesus lançou, pela RCA Vitor, seu *long-play* intitulado *Quarto de despejo: Carolina Maria de Jesus cantando as suas canções*; no mesmo ano, publicou *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*. Em 1963, publicou o romance *Pedaços da fome* e, em 1965, com edição de própria autoria, *Provérbios*. Postumamente, o livro de memórias, divulgado como *Um Brasil para brasileiros*, foi publicado primeiramente na França, em 1982, com o título *Journal de Bitita*, e somente em 1986, publicado no Brasil com o título *Diário de Bitita*.

Os poemas, inicialmente, foram organizados por José Carlos Sebe Bom Meihy e publicados, em 1996, com o título *Antologia pessoal* e, no mesmo ano, o mesmo organizador, em colaboração com Robert M. Levine também organizou a publicação de *Meu estranho diário*, com trechos, sem revisão gramatical ou estilística, de Carolina de Jesus. Em 2014, Raffaella Fernandez e Maria Nilda de Carvalho Motta organizaram uma coletânea *Onde estaes felicidade?*, com textos originais da escritora e sete ensaios sobre seus escritos. Em 2018, Raffaella Fernandez organizou e publicou contos inéditos e outros escritos com o título *Meu sonho é escrever... e*, em 2019, Raffaella Fernandez e Ary Pimentel organizaram outros poemas e os publicaram com o título de *Clíris: poemas recolhidos*.

Sendo o trabalho coordenado por um conselho editorial formado por Vera Eunice de Jesus, filha de Carolina de Jesus, por Conceição Evaristo e pelas pesquisadoras Amanda Crispim, Fernanda Felisberto, Fernanda Miranda e Raffaella Fernandez, a Companhia das Letras, em 2021, publicou *Casa de alvenaria*, em dois volumes, com texto transcrito e estabelecido integralmente a partir dos manuscritos originais. No primeiro volume, os registros dos meses em que a autora morou em Osasco, entre agosto e dezembro de 1960; e, no segundo, as anotações, de dezembro de 1960 a dezembro de 1963, de quando ela viveu no bairro paulistano de Santana. Em 2023, a mesma editora publicou um romance inédito intitulado *O escravo*.

Os arquivos de memória, onde estão os originais e os inéditos de Carolina de Jesus, encontram-se nas seguintes instituições<sup>6</sup>: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; Arquivo Público Municipal Cônego Hermógenes Cassimiro de Araújo Bruonswik, na cidade de Sacramento; Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro; Museu Afro Brasil, em São Paulo; Acervo de Escritores Mineiros do Centro de Estudos Literários e Culturais da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – desde 2014, abriga dez rolos de microfimes idênticos aos existentes na Biblioteca Nacional e na Library of Congress, e um rolo de filme 16mm com o

---

6 Cf. PELEGRINO, Natália. Escrita de si e arquivamento do eu em Carolina Maria de Jesus. In: BELO, Fábio (Org.). *Di-reito e literatura contra o racismo: leituras a partir do Quarto de despejo*. Belo Horizonte: Relicário, 2018, p. 127. Sobre o assunto de princípios dos documentos arquivísticos e a situação em que se encontram os documentos de Carolina de Jesus, sugerimos o texto de: BARCELLOS, Sergio. Arquivando Carolina: desafios e surpresas na organização do arquivo de Carolina Maria de Jesus. In: ROSITO, Valeria (Org.). *Carolina Maria de Jesus: incômodos de ¼ chamado despejo*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2022, p. 29-39.

documentário *Favela: das leben in armut (Favela: a vida na pobreza)*, de 1971, dirigido por Christa Gottman-Elter.

A extensa quantidade de escritos publicados e de inéditos revela a prática contínua de escrever de Carolina de Jesus, compreendida como literatura, em consonância com Roland Barthes:

Entendo por *literatura* não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo completo das pegadas de uma prática: *a prática de escrever*. Nela visio, portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro. Posso, portanto, dizer indiferentemente: literatura, escritura ou texto (BARTHES, s.d., p. 16-17, grifo nosso).

Barthes compreende a literatura como “a prática de escrever” um texto em um aflorar da língua. Isso posto, podemos considerar os escritos carolineanos como literatura, no sentido genuíno da “prática de escrever”, haja vista a sua intensa experiência de escrita, a ponto de Joel Rufino dos Santos considerá-la como uma “grafomaníaca”. Explica o autor:

Carolina foi o que os dicionários chamam de *grafomaníaca*: pessoa com tendência compulsiva, doentia, de fazer registros gráficos, rabiscos e, especialmente, escrever em qualquer superfície ou material imediatamente acessível. Vício de escrevinhar, ser infeliz se passar um dia sem escrever. Nem todo grafomaníaco, porém, será escritor. Há uma diferença essencial entre o escrevinhador e o escritor. [...] Escrevinhar é uma mania, escrever é uma tarefa, luta diuturna, sem vencedor, com as palavras até que digam da nossa força e fraqueza de humanos. Carolina Maria de Jesus, neste sentido, foi autêntica escritora (SANTOS, 2009, p. 25-26, grifo nosso).

O adjetivo “grafomaníaca” atribuído a Carolina de Jesus evidencia o seu extenso e intenso trabalho, apontando para o desejo de escrita, conforme o relevo de suas letras em uma das páginas dos inéditos: “Crêio que, *não poderei viver sem escrever*”<sup>7</sup>. Essa proposição parece uma espécie de ato de fé, “crêio que...”, relativo ao desejo de escrever que se relaciona inerentemente ao de viver, como um ato unívoco: escrever/viver, de maneira que não é possível compreender a escrita sem a vida, e vice-versa. Tal concepção se assemelha ao que Marguerite Duras anota: “A escrita chega como o vento, é nua, é de tinta, é a escrita, e passa como nada mais passa na vida, nada mais, exceto ela, a vida” (DURAS, 2021, p. 64). Por conseguinte, para Carolina de Jesus, o viver se identifica com a “prática de escrever”, de tal modo que, para ela, apesar da fome, é impossível pensar uma vida sem a escrita.

---

7 Acervo de Escritores Mineiros (AEM), UFMG. Cadernos microfilmados. Coleção Vera Eunice de Jesus Lima: coleção composta por cadernos com o Diário de Carolina Maria de Jesus (30/10/1958 a 02/12/1958). Microfilmagem realizada na Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, mai. 1996. MRD-2 – Kodak (grifo nosso).

## 2. *Quarto de despejo*: uma proposta de leitura teológica

Em *Diário de Bitita* (1986), Carolina de Jesus narra que, desde criança, nos tempos idos na cidade de Sacramento, no interior do estado de Minas Gerais, desejava ser poetisa, porém mal imaginava o que o futuro lhe reservaria. Experimentando a diáspora, perseguida pelo preconceito e pela miséria, ela desembarcou na cidade de São Paulo, em 1937, na expectativa de uma vida melhor. Entretanto, não muito tempo depois de sua chegada, Carolina de Jesus – grávida e desempregada – foi “despejada”, como se fosse lixo, na favela do Canindé, conforme a autora anota, em 19 de maio de 1958: “[...] E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (JESUS, 2014, p. 37).

Estando na periferia da periferia, na favela, o “quarto de despejo” do território urbano, tal qual afirma em seus escritos, a autora diariamente catava papéis nas ruas da suntuosa capital paulistana para comprar comida. Todavia, em vez de vender todos os papéis recolhidos, ela reservava alguns cadernos, mesmo que amarelados, para escrever seus textos, considerando o ato de escrever, nas palavras de Ruth Silviano Brandão, “no pulsar do sangue que fazia bater o coração na ponta dos dedos” (BRANDÃO, 2006, p. 28).

Propomos uma breve leitura teológica de *Quarto de despejo*: diário de uma favelada (2014), de Carolina Maria de Jesus. Como testemunho, essa obra registra fragmentos e reflexões do cotidiano, entre os anos de 1955 e de 1960, marcado pelo dilema entre o desejo de viver e a fome, que a leva às perguntas em relação a Deus; dentre elas, citamos: “Ia pensando: será que Deus vai ter pena de mim? Será que eu arranjo dinheiro hoje? Será que Deus sabe que existe as favelas e que os favelados passam fome?” (JESUS, 2014, p. 46).

Diante disso, lançamos mão de algumas questões, em diálogo com a Teologia latino-americana: O que o rosto da Carolina de Jesus revela de Deus? Como anunciar o amor de Deus a essa vida despejada? Se, para a autora, o “poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido” (JESUS, 2014, p. 39), qual o papel das teólogas e dos teólogos diante da alteridade configurada pelo rosto “despejado”?

O Concílio Vaticano II deixou claro que o dever da Igreja consiste em investigar, a todo o momento, os “sinais dos tempos” e interpretá-los à luz do Evangelho:

Para levar a cabo esta missão, é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático (GAUDIUM ET SPES, n. 4).

O Povo de Deus, movido pela fé com que acredita ser conduzido pelo Espírito do Senhor, o qual enche o universo, esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e aspirações, em que participa juntamen-

te com os homens de hoje, quais são os verdadeiros sinais da presença ou da vontade de Deus. Porque a fé ilumina todas as coisas com uma luz nova, e faz conhecer o desígnio divino acerca da vocação integral do homem e, dessa forma, orienta o espírito para soluções plenamente humanas (GAUDIUM ET SPES, n. 11).

Isso é algo que a Teologia na América Latina tem levado a sério, a ponto de, no dizer de Jon Sobrino, o momento presente torna-se lugar da manifestação de Deus: "O histórico exerce a função de mediação da realidade de Deus; no histórico o próprio Deus se faz presente em sua realidade e em seus planos" (SOBRINO, 1989, p. 286).

Seguindo por esse mesmo caminho teológico, João Batista Libanio afirma que a "revelação é mediatizada pela história no seu processo e nas suas diferentes manifestações. A história, seja enquanto a trama de ações e relações humanas, seja enquanto princípio de compreensão, é criação dos homens e por isso cai sob o juízo da ação do Deus revelador" (LIBANIO, 2012, p. 289).

Escolhemos, como testemunho do presente, o livro *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus – assim como os editores, decidimos respeitar a linguagem da autora, que, muitas vezes, contraria a norma-padrão, incluindo a grafia e a acentuação das palavras, mas que, por isso mesmo, pode traduzir com realismo a forma da grande parcela do povo enxergar e expressar o mundo. Suas linhas expõem seu rosto assinalado pela vivência diária com o desamparo, com o enfrentamento da miséria e da fome – considerada por Carolina de Jesus como a "escravatura atual" – conforme registra, no dia 13 de maio de 1958:

Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos.

... Nas prisões os negros eram os bodes espiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. *Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam felizes.*

Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair.

... Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada:

– Viva a mamãe!

A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Ela não tinha. Mandei-lhe um bilhete assim:

– "Dona Ida peço-te se pode me arranjar um pouco de gordura, para eu fazer uma sopa para os meninos. Hoje choveu e eu não pude ir catar papael. Agradeço. Carolina."

... Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de

farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.  
*E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra escravatura atual – a fome!*” (JESUS, 2014, p. 30-32, grifo nosso).

Nesses fragmentos, além da “escravatura atual”, a autora fala da experiência de Deus que se encontra ao lado dos brancos e, concomitantemente, que os brancos ocupam um lugar de intermediários entre os pretos e Deus, cabendo aos pretos rezar a Deus para que ilumine os brancos e, assim, possam ser felizes. Parece-nos que a vida diária de Carolina de Jesus e de outros pobres tem por resultado a compreensão de que Deus opta pelos brancos, pelos opressores e exclui os oprimidos.

Diante disso, sobrevém a densa pergunta da Teologia na América Latina, elaborada por Gustavo Gutiérrez: “Como dizer ao pobre, ao oprimido, ao insignificante, Deus te ama?”(GUTIÉRREZ, 1996, p. 244, tradução nossa), indagação que emerge das questões anteriores formuladas pelo autor:

Como podemos falar de um Deus que se revela como amor em uma realidade marcada pela pobreza e pela opressão? Como podemos anunciar o Deus da vida às pessoas que sofrem uma morte prematura e injusta? Como podemos reconhecer o dom gratuito de seu amor e de sua justiça no sofrimento dos inocentes? Com que linguagem podemos dizer àqueles que não são considerados pessoas que eles são filhas e filhos de Deus? (GUTIÉRREZ, 1986, p. 19, tradução nossa).

Sobressaindo, nas condições em que Deus parece estar do lado dos opressores – “Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam felizes” (JESUS, 2014, p. 30) – , vem-nos outras questões: O que é possível dizer? Qual é o papel, especificamente, das teólogas e dos teólogos na América Latina e em outros territórios geográficos?

Expressando o sofrimento em relação à falta de comida que se agrava a cada dia, Carolina de Jesus, em 3 de junho de 1958, anota: “O meu dilema é sempre a comida!” (JESUS, 2014, p. 50). E, em 25 de dezembro de 1958, ela denuncia as perseguições dos Césares do passado e da atualidade, sublinhando que o César da atualidade – os atacadistas de São Paulo em questão – supera o do passado, porque persegue, não por causa da fé, e, sim, em virtude da fome. Escreve a autora:

... O João entrou dizendo que estava com dor de barriga. Percebi que foi por ele ter comido melancia deturpada. Hoje jogaram um caminhão de melancia perto do rio.

Não sei porque é que estes comerciantes inconscientes vem jogar seus produtos deteriorados aqui perto da favela, para as crianças ver e comer. ... Na minha opinião os atacadistas de São Paulo estão se divertindo com o povo igual os Cesar quando torturava os cristãos. Só que o Cesar da atualidade supera o Cesar do passado. Os outros era perseguido pela fé. E nós, pela fome!

Naquela época, os que não queriam morrer deixavam de amar a Cristo.

Mas nós não podemos deixar de comer (JESUS, 2014, p. 146).

Carolina de Jesus, registrando seu cotidiano, nos dá um testemunho de quem sofre as desigualdades e, naquela época, vivenciava o dia a dia na favela do Canindé em São Paulo, o espaço dos descartados: "... Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos" (JESUS, 2014, p. 32), assim ela grafa em 15 de maio de 1958.

Essa cartografia urbana volta a ser escrita pela autora, em 8 de agosto de 1958: "[...] A favela é o quarto de despejo. E as autoridades ignoram que tem o quarto de despejo" (JESUS, 2014, p. 107) e, em 27 de dezembro de 1958: "[...] Mas ele [o senhor Dario] deve aprender que a favela é o quarto de despejo de São Paulo. E que eu sou uma despejada" (JESUS, 2014, p. 147).

É possível notar, de tal maneira, conforme as citações, que a favela é uma forma de alteridade que constantemente se faz presente e desperta o desejo, em algumas autoridades – dos setores político e econômico, como os atacadistas – de seu aniquilamento. Aqui, como antes, ecoam as perguntas: O que é possível dizer? Qual é o papel, especificamente, das teólogas e dos teólogos na América Latina e em outros territórios geográficos?

Em outro momento, Carolina de Jesus escreve, em 8 de julho de 1958:

Eu estava indisposta, deitei cedo. Despertei com a algazarra que fazia na rua. Não dava para compreender o que diziam porque todos falavam ao mesmo tempo e era muitas vozes reunidas. Vozes de todos os tipos. Eu queria levantar para pedir-lhe que deixasse o povo dormir. Mas percebi que ia perder tempo. Eles já estavam alcoolizados. A Leila deu o seu *shou*. E os seus gritos não deixou os vizinhos dormir. As quatro horas comecei escrever. Quando eu desperto custo adormecer. Fico pensando na vida atribulada e pensando nas palavras do Frei Luiz que nos diz para sermos humildes. Penso: se o Frei Luiz fosse casado e tivesse filhos e ganhasse salário mínimo, ai eu queria ver se o Frei Luiz era humilde. *Diz que Deus dá valor só aos que sofrem com resignação*. Se o Frei visse os seus filhos comendo generos deteriorados, comidos pelos corvos e ratos, havia de revoltar-se, porque a revolta surge das agruras (JESUS, 2014, p. 85-86, grifo nosso).

Parece-nos que aqui o discurso religioso, por parte da autoridade eclesial, apresenta-se longíquo, indiferente e alienado da vida atribulada da autora, dos pobres e favelados. Assim, outra questão se impõe, considerando o axioma teológico (*lex orandi, lex credendi, lex agendi*): se a comunidade eclesial age (*lex agendi*), conforme ora (*lex orandi*), a partir do que crê (*lex credendi*), em que medida a alteridade do rosto "despejado" apresentado pelos escritos de Carolina Maria de Jesus afeta a oração cristã, as ações pastorais e a elaboração da Teologia, a "filha do encontro entre a fé e o intelecto humano" (BOFF, 2009, p. 524)?

## Conclusão

Mediante os fragmentos citados de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, acompanhamos uma pequena parte da dureza do cotidiano de Carolina Maria de Jesus. Eles nos interpelam tanto a pensar teologicamente em relação a essa realidade, marcada pela luta entre o desejo de viver e a fome, quanto a criar propostas pastorais em favor de tantas pessoas despejadas, para que possam viver com dignidade, conforme o núcleo da missão redentora de Jesus Cristo, apresentado por Ele no *Quarto Evangelho*: “Eu vim para que tenham a vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

## Referências

BALTHAZAR, Ricardo. Audálio revelou Carolina de Jesus e enfrentou ditadura após morte de Herzog, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20 jul. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/07/audalio-revelou-carolina-de-jesus-e-enfrentou-ditadura-apos-morte-de-herzog.shtml>. Acesso em: 12 set. 2025.

BARBOSA, Sirlene; PINHEIRO, João. *Carolina*. 3. ed. São Paulo: Veneta, 2018.

BARCELLOS, Sergio. Arquivando Carolina: desafios e surpresas na organização do arquivo de Carolina Maria de Jesus. In: ROSITO, Valeria (Org.). *Carolina Maria de Jesus: incômodos de ¼ chamado despejo*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2022.

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, s.d.

BÍBLIA de Jerusalém: nova edição, revista e ampliada. 5. impr. São Paulo: Paulus, 2008.

BOFF, Clodovis. Teologia. In: TAMAYO, Juan José (Org.). *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2009. (Dicionários). p. 524-527.

BRANDÃO. Ruth Silviano. *A vida escrita*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

DANTAS, Audálio. Bom, eu acho que aí, modéstia à parte, é uma questão de sensibilidade. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

DURAS, Marguerite. *Escrever*. Trad. Luciene Guimarães de Oliveira. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

GAUDIUM ET SPES. Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo actual. *Vatican*, Roma, 7 dez. 1965. Disponível em: <[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)>. Acesso em: 26 set. 2025.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Densidad del presente: selección de artículos*. Lima: CEP, 1996.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Hablar de Dios: desde el sufrimiento del inocente una refle-*

- xion sobre el libro de Job. Lima: Instituto Bartolome de las Casas, 1986.
- JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.
- KUSCHEL, Karl-Josef. *Os escritores e as Escrituras: retratos teológico-literários*. São Paulo: Loyola, 1999.
- LIBANIO, João Batista. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. São Paulo: Loyola, 2012.
- PELEGRINO, Natália. Escrita de si e arquivamento do eu em Carolina Maria de Jesus. In: BELO, Fábio (Org.). *Direito e literatura contra o racismo: leituras a partir do Quarto de despejo*. Belo Horizonte: Relicário, 2018.
- PERPÉTUA, Elzira Divina. *A vida escrita de Carolina Maria de Jesus*. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.
- SANTOS, Joel Rufino dos. Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- SOBRINO, Jon. Como fazer Teologia. Proposta metodológica a partir da realidade salvadorenha e latino-americana, *Perspectiva Teológica*, n. 21, 1989, p. 285-303.

**Artigo submetido** em: 29/10/2025. Aprovado em: 20/11/2025.

**E-mail do Autor:** [crafapinto@gmail.com](mailto:crafapinto@gmail.com)

**ORCID:** <https://orcid.org/0009-0002-8319-1799>